

A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

UNIVERSIDADE ABERTA | LISBOA 2024

TÍTULO

*A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO.
ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES*

CAPA

"Alegoria da História", alusiva à Academia Real da História Portuguesa. Gravura sobre cobre de Pedro de Rochemfort, Lisboa, 1739. Reprodução de exemplar do original setecentista. Coleção particular.

EDITORES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR

EDITOR

UNIVERSIDADE ABERTA

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 29

PRODUÇÃO

SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DIGITAL

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

GRAFICAMARES, LDA

ISBN: 978-972-674-976-9

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.34627/UAB.CC.29](https://doi.org/10.34627/UAB.CC.29)

D.L.:

ANO: 2024

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-ND

De acordo com os seguintes termos:

Atribuição - Uso Não-Comercial - Proibição de realização de Obras Derivadas.

Os artigos publicados neste volume são da inteira responsabilidade dos seus autores, incluindo o uso do Acordo Ortográfico de 1990.

RESUMO

Este livro de homenagem congrega estudos de vários docentes da Universidade Aberta, bem como de outras instituições, maioritariamente da área científica da História, com um enquadramento cronológico alargado que se estende da Pré-História à Contemporaneidade. Pretende-se assim prestar tributo ao percurso académico e profissional da Professora Maria José Ferro Tavares, ilustre medievalista, especialista no estudo dos Judeus em Portugal, e antiga Reitora da Universidade Aberta.

Palavra-chave: Maria José Ferro Tavares; História; Homenagem.

ABSTRACT:

This tribute book brings together studies by several teachers from Universidade Aberta, as well as other Portuguese institutions, mostly from the scientific area of History, with a broad chronological focus that extends from Pre-History to Contemporary times, as a form of recognized tribute to the academic and professional trajectory of Professor Maria José Ferro Tavares, illustrious medievalist, specialist in Jewish studies in Portugal, and former Rector of the Open University.

Keywords: Maria José Ferro Tavares; History; Homage.

ÍNDICE

Palavras Prévias	7
Apresentação	9
Curriculum Vitae de Maria José Pimenta Ferro Tavares	11
1. Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara O caminho da História: Um diálogo com Maria José Ferro Tavares	19
2. Filipe Themudo Barata Memórias da orientação de um investigador	27
3. Maria do Rosário Themudo Barata Cruz A Maria José Pimenta Ferro Tavares, com afectuoso abraço	33
4. Rui Mataloto e João Luís Cardoso As antas, marcadores simbólicos das paisagens e dos territórios medievais	35
5. Francisco Caramelo Um diálogo entre Assurbanípal e Nabû: tradução e algumas nótulas	43
6. Bernardo Vasconcelos e Sousa Nobreza Medieval Portuguesa – Dos conceitos e do seu uso historiográfico	47
7. Isabel Maria Barros Dias Reis, elites e judeus: estereótipos e didatismo historiográfico	55
8. Maria Filomena Andrade A rainha Isabel de Portugal: o poder, a vontade e a misericórdia	63
9. Manuela Santos Silva Judeus e mouros na proximidade das rainhas medievais de Portugal: contactos, serviço e antagonismos	71
10. Luís Miguel Duarte “Delles proves, delles mortos”. A mobilidade social no termo do Porto, segundo o Livro da Abertura da Rua Nova de 1438	79
11. Saul António Gomes Isaac Abravanel: breves elementos para a sua biografia	87
12. Julieta Araújo A família e as legitimações na chancelaria de D. Afonso V. Alguns exemplos	97
13. Carlos Carreto O <i>real</i> e as suas dobras. Notas sobre o maravilhoso na literatura medieval	105
14. Nunziatella Alessandrini Uma viagem pelas quintas italianas em Portugal no século XVI	115
15. Ana Isabel Buescu Poder, diplomacia e circulação cultural no século XVI	123
16. Ana Paula Avelar A “Fortuna” como signo de um discurso imperial no Portugal do século XVI	133

17. Pedro Flor	
'Dar água pela barba': algumas notas sobre a figura do Judeu nos Painéis de S. Vicente	141
18. Carlos Castilho Pais	
Judeus e 'línguas' – pai e filho ao serviço dos portugueses no Oriente	151
19. Teresa Campos Coelho	
Alguns aspectos da Nobreza do <i>Portugal Restaurado</i> intuídos a partir de um manuscrito de João Nunes Tinoco (c.1616-1690)	157
20. Paulo Oliveira Ramos	
Fialho de Almeida: um patrimonialista singular	165
21. José das Candeias Sales	
José de Souza Larcher e Sua Alteza o Khediva Abbas Hilmy II – Memória ilustrada sobre a construção de um sistema de ponte-barragem no Nilo (1898)	175
22. Mário Avelar	
História, memória e autobiografia. Uma leitura de <i>Robles, Duelo al Sol</i> , de Sonia Tercero Ramiro	185
23. Carla Aurélia de Almeida	
A Língua Portuguesa em (inter)ação: mecanismos de mitigação e <i>envolvimento conversacional</i>	191
24. Ana Pinto Moura	
Adesão às escolhas alimentares saudáveis: intervenção dos fatores psicológicos modificáveis	199
25. Hermano Carmo	
A educação num quotidiano instável: desafios e trilhos de intervenção	207
26. Ana Nobre	
Elementos de um trabalho bem feito: a arte de ser professor	217
Tábula Gratulatória	225

21

JOSÉ DE SOUZA LARCHER E SUA ALTEZA O KHEDIVA ABBAS HILMY II - MEMÓRIA ILUSTRADA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE PONTE-BARRAGEM NO NILO (1898)

JOSÉ DE SOUZA LARCHER AND HIS HIGHNESS KHEDIVA ABBAS HILMY II - ILLUSTRATED MEMOIR ON THE CONSTRUCTION OF A BRIDGE-DAM SYSTEM ON THE NILE (1898)

José das Candeias SALES
ID: 0000-0003-1087-1478
[UAb / CEG – UAb]
Jose.Sales@uab.pt

RESUMO

No início de 1894 e na primeira metade de 1898, José de Souza Larcher visitou o Egípto, a convite do seu filho Alberto de Sousa Larcher, então juiz nos Tribunais Mistos do Egípto. Das duas viagens resultaram numerosas impressões que lhe forneceram abundante material, visto e ouvido, para um livro que viria a publicar em Lisboa, em 1901, com o título *Impressões de Viagem. O que vi e ouvi através do Egípto e da Velha Europa*. O conteúdo do 14.º capítulo desse livro é, a todos os títulos, surpreendente: a apresentação de uma memória descritiva ilustrada sobre a construção de um sistema de ponte-barragem no Nilo, datada e assinada de 5 de maio de 1898.

A surpresa desta memória não deriva propriamente do seu conteúdo técnico-científico (uma vez que o Autor era engenheiro), mas, essencialmente, por não ser de todo expectável esta incursão de carácter “profissionalizante” quando visitava o Egípto como mero turista e, ainda menos, que, na sequência da mesma, tivesse conseguido uma audiência particular com Sua Alteza o Khediva Abbas Hilmy II. Toda esta dimensão técnico-política está para lá do que seria de esperar no âmbito de umas “impressões de viagem”.

Neste texto, além de uma apresentação sumária de José de Souza Larcher, aludiremos ao conhecimento específico que detinha sobre o Nilo, sobre as suas regulares inundações e sobre os multisseculares processos de irrigação usados para conseguir a prosperidade do Egípto e enquadraremos a sua inesperada proposta técnica.

Palavras-chave: José de Souza Larcher; Abbas Hilmy II; Egípto; Nilo; ponte-barragem.

ABSTRACT

At the beginning of 1894 and in the first half of 1898, José de Souza Larcher visited Egypt at the invitation of his son Alberto de Sousa Larcher, who was then a judge in Egypt's Mixed Courts. Both trips resulted in numerous impressions that provided him with plenty of material, seen and heard, for a book that he would publish in Lisbon in 1901, entitled *Impressões de Viagem. O que vi e ouvi através do Egípto e da Velha Europa*. The content of the 14th chapter of this book is, in every respect, surprising: the presentation of an illustrated descriptive memoir on the construction of a bridge-dam system on the Nile, dated and signed 5 May 1898.

The surprise of this memoir does not derive from its technical-scientific content (since the author was an engineer), but essentially because this 'professionalising' incursion was not at all to be expected when he was visiting Egypt as a mere tourist, and even less so when, as a result, he managed to get a particular audience with His Highness Khediva Abbas Hilmy II. This whole technical-political dimension goes beyond what we would expect from 'travelling impressions'.

In this text, in addition to a brief presentation of José de Souza Larcher, we will allude to his specific knowledge of the Nile, its regular floods and the centuries-old irrigation processes used to achieve Egypt's prosperity, and we will frame his unexpected technical proposal.

Keywords: José de Souza Larcher; Abbas Hilmy II; Egypt; Nile; bridge-dam.

Logo que cheguei ao Egypto escrevi a alguns amigos sobre as coisas que ia observando no paiz que visitava; mas depois, reconhecendo que havia margem para largas considerações, deliberei-me a dar, ao que já tinha dito nas minhas cartas, maior desenvolvimento; tratando sucessivamente de diversos assumptos e estudos que tenho a satisfação de dedicar, cada um de per si, a alguns parentes, amigos e correligionarios, a quem peço vénia e bom acolhimento para o meu modesto trabalho.

É assim que José de Souza Larcher (1821-1913) introduz, numa nota designada “*Advertencia*”, logo a abrir, o primeiro tomo das suas *Impressões de Viagem. O que vi e ouvi através do Egypto e da Velha Europa*, publicado em Lisboa, em 1901, por Mello d’Azevedo, Editor¹. Expressivamente, acrescenta-se no frontispício, logo a seguir ao título e à menção ao tomo, “*Illustrado com numerosas e artísticas photogravuras*”. O livro é composto por dois tomos (o primeiro, de 17 cartas-capítulos, com 233 pp., e o segundo, de 15 cartas-capítulos – da 18ª à 32ª –, com 248 pp.) e ilustrado com 72 fotografias e desenhos (41 no Tomo I e 31 no Tomo II, sendo 31 sobre motivos directamente relacionados com o Egipto faraónico e 41 sobre o Egipto islâmico).

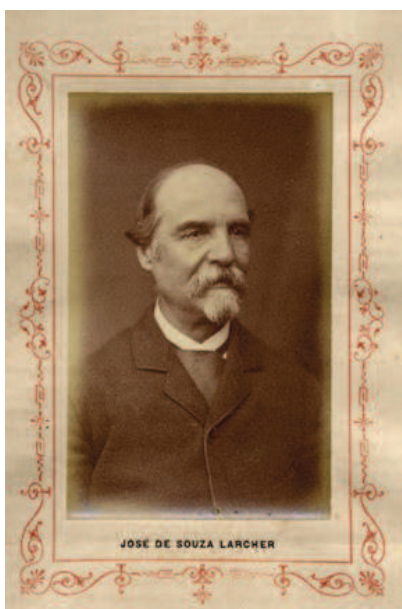


Fig. 1 – José de Souza Larcher (1821-1913). Galeria Republicana, n.º 30, Março de 1883.

As *impressões* resultam das duas viagens ao Egipto que o Autor realizou nos anos 90 de Oitocentos (a primeira no início de 1894 e a segunda na primeira metade de 1898), que lhe forneceram, assim, momentos e material, visto e ouvido, para o seu tratamento das “largas considerações” e dos “diversos assumptos e estudos” do seu livro. Ambas as viagens decorreram a convite do seu filho Alberto de Sousa Larcher (1848-1929), como se percebe pela 1ª carta do I Tomo, p. 1, e pela 27ª Carta, incluída no II Tomo, p. 144, que exercia então as funções de juiz nos tribunais mistos do Egipto².

José de Sousa Larcher, cuja biografia não está ainda devidamente elaborada, nascido a 5 de Maio de 1821, em Portalegre, localidade alentejana de onde era oriunda a sua mãe (Margarida Thomasia de Sousa) e onde a sua família paterna, de origem francesa, se fixara nos anos 70 do século XVIII³, é conhecido, essencialmente, pela sua vertente política, enquanto respeitado republicano, filiado no Partido Republicano (Fig. 1). De facto, foi um empenhado propagandista das ideias e dos ideais republicanos, designadamente no período que antecedeu a implantação do novo regime (foi, por exemplo, vereador republicano no município de Lisboa, antes de 1910,

¹ Além desta obra, foi autor de outras de carácter económico e político, de que se destacam as mais conhecidas: *Questões Económicas e Administrativas* (Lisboa, 1885); *A Questão colonial. O Maometanismo em África* (Lisboa, 1898).

² Alberto de Sousa Larcher, formado em Direito, já exercera o cargo de Procurador da Coroa e Fazenda junto à Relação de Nova Goa (Índia) e voltaria a ter nova Comissão no Tribunal Internacional do Egipto em 1910, como se pode constatar pelo Despacho do Ministério da Justiça – Direcção Geral da Justiça, de 28 de novembro de 1910, publicado no *Diário da República* n.º 59, de 14 de Dezembro de 1910, p. 762. Tal como o pai, nascido em Portalegre, ocuparia depois iguais funções na Relação de Coimbra e, mais tarde, veio a presidir ao Supremo Tribunal de Justiça. Foi também Comendador da Ordem de Cristo e ficou particularmente ligado à Misericórdia de Portalegre. Quando, em 1909, José Leite de Vasconcelos (1858-1941), o fundador e primeiro director do Museu Nacional de Arqueologia, visitou o Egipto (mais especificamente o Cairo, para ir a um Congresso de Arqueologia, no qual presidiu à secção de Arqueologia Pré-Histórica, e depois, também, Luxor e Alexandria), Alberto de Sousa Larcher integrava ainda o Tribunal Misto de Alexandria e foi ele que ofereceu a Leite de Vasconcelos dois unguentários (um de terracota e outro de vidro) e uma lucerna de terracota do século III a.C.- Araújo, 2008: 12.

³ A família Larcher é caracterizada como sendo uma dinastia industrial em Portalegre (no ramo dos lanifícios), mas foi igualmente uma família arregaadamente monárquica, liberal e cartista, com uma activa presença na vida política (Barata, 1997: 467-516).

mais concretamente entre 1893 e 1896)⁴.

Em 1834, com 13 anos de idade, mudou-se para Lisboa para estudar, primeiro na Academia Real da Marinha e, depois, na Escola Polytechnica. Nesta estadia na capital, em que residiu com os seus tios Joaquim Larcher (1797-1865), advogado, com grandes relações políticas, comerciais e culturais e que desempenhava importantes cargos políticos e administrativos, nomeadamente como par do reino vitalício e hereditário, e António Aloísio Jervis de Atouguia (1.º visconde de Atouguia, à época Ministro da Marinha, casado com a sua tia Cândida Larcher), frequentou reuniões com grandes nomes da época, reconhecidos e notáveis liberais que, certamente, ajudaram a moldar o seu espírito e carácter: nomes como Mouzinho da Silveira (estadista, jurista e político, uma das personalidades maiores da Revolução Liberal), Almeida Garrett (escritor, dramaturgo e político) ou, ainda, José Maria Grande (nome maior do Liberalismo, também par do reino, formado em Medicina e com interesses e actividades na agricultura e na política).

Alguns anos mais tarde, com vista a alcançar uma boa formação académica, mas também um conhecimento prático da indústria de lanifícios, José de Sousa Larcher foi estudar e estagiar em Paris na *École centrale des arts et manufactures*, onde se formou em Engenharia. Regressou a Portugal em 1842, com 21 anos, voltando para Portalegre para aplicar as suas aprendizagens no negócio da família, associando-se com o seu primo e cunhado José d'Andrade e Sousa na firma Andrade & Larcher.

Em 1849, com 28 anos, após a morte do pai, assumiu em Portalegre funções públicas e administrativas, juntamente com os cargos de gestão que tinha na fábrica da família e na agência do Banco de Portugal. Em 1866 e 1868 foi um dos directores da Companhia da Fábrica Nacional de Lanifícios de Portalegre (S.A.).

Por esta altura, era já casado com Domingas de Andrade e Sousa, sua prima (16 de Abril de 1844) e pai de Carlos de Sousa Larcher (n. 2 de Janeiro de 1845), Maria Cândida de Sousa Larcher (n. 14 de Junho de 1846) e do já mencionado Alberto de Sousa Larcher (1848-1929). Numa breve biografia sua escrita em 1883 (Souza Quintella, 1883), é dito que, em 1861, se mudou de Portalegre para Lisboa para acompanhar a educação dos filhos. Com 50 anos, em 1871, passa a dedicar-se em exclusivo à administração pública e à política, assumindo, em 1880, uma clara e oficial ligação ao ideário republicano ao aderir ao Partido Republicano.

No âmbito das Cartas-Capítulos que José de Sousa Larcher integrou no I Tomo das suas *Impressões*, a 14ª Carta (pp. 165-176), dedicada ao engenheiro “sr. João Veríssimo Mendes Guerreiro”⁵, é, a todos os títulos, surpreendente. Depois de ter consagrado a sua narrativa na Carta anterior ao rio Nilo (pp. 153-164), discorrendo sobre a causa da sua celebridade e influência para a constante prosperidade do Egipto, sobre a sua caudalosa corrente e periódica cheia, com alusões à sua orografia encastrada

⁴ Para assinalar e acentuar a vertente do profundo republicanismo de José de Souza Larcher e a sua importância no âmbito do movimento, mencione-se que o seu retrato figura no célebre quadro, hoje no Museu de Lisboa, *A Cidade de Lisboa elege a sua primeira Vereação (O Sufrágio)*, da autoria de Veloso Salgado (1864-1945), de 1913. Trata-se de uma pintura histórico-alegórica ao gosto oficial da época, destinada a assinalar a vitória do Partido Republicano Português nas eleições para a vereação da Câmara Municipal de Lisboa de 1908 (1 de Novembro). Além de Larcher, figuram diversos líderes do Partido Republicano, incluindo quatro futuros Presidentes da República Portuguesa (Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Bernardino Machado e António José de Almeida). Ao fundo, vê-se a fachada imponente da Câmara Municipal de Lisboa e, mais ao fundo, à esquerda, a Sé de Lisboa (na altura a sofrer obras de restauro). É também visível o pelourinho revivalista projectado por Eugénio dos Santos e Carvalho (1711-1760), em mármore, cantaria e ferro, sob plataforma octogonal e encimado por uma esfera armilar de metal, edificado depois do terramoto de 1755 – <http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=56651&ns=216000&Lang=PO&museu=2&IPR=365>, acedido a 21/03/2024) – Aldemira, 1940; Santos, Tavares, 1999; Gouveia, 2020.

⁵ Engenheiro, Inspector-Geral de Obras Públicas da Direcção das Obras Públicas do Distrito de Portalegre, nascido em 1842 e falecido em 1911. Anos mais tarde, em 1907 e 1908, este engenheiro assinará vários textos subordinados ao título genérico “Notícia sobre a conservação dos monumentos egypcios dada em sessão d’assembleia geral de 6 de junho de 1900” publicados na 4ª Série, Tomo XI, do *Boletim da Real associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, números 3-8. Resultantes de visitas realizadas no Egipto, era sua intenção era também difundir as impressões que recolhera “ao contemplar os grandes edificios egypcios” (n.º 3, p. 200).

entre as cordilheiras arábica e líbia e sobre a incontornável questão das suas origens, Larcher retoma o assunto nesta 14ª carta, agora com a finalidade de, como diz, substituir a “inundação pela rega” (p. 165).

Para um cabal entendimento das suas propostas e até do inesperado teor do conteúdo final desta Carta, é necessário, em nossa opinião, processá-las em directa articulação com as descrições produzidas na carta anterior, designadamente quando discorre sobre o “tortuoso curso” do Nilo ao longo dos seus 1200 Km entre Assuão (“ponto onde começa o território propriamente egypcio” – p. 157) e o Delta, com as suas numerosas cataratas e os dois braços principais da foz (“um em Damietta e o outro em Roseta” – p. 157). Nesta sua abordagem, Larcher demonstra um profundo conhecimento sobre os aspectos associados quer à riqueza do solo pela acumulação de nutrientes, quer dos fenómenos da absorção e da evaporação das águas da inundação. As singulares passagens que deixou são esclarecedoras:

De princípio o rio sahindo do seu leito, derramando-se pelo extenso areal que o confrontava, e depositando na parte inundada o precioso nateiro transportado nas suas aguas, – deu origem á vegetação espontanea, que foi a grande atração que chamou áquelas paragens as primitivas tribus errantes e ali as fixou.

Cessando o período da cheia, absorvidas e evaporadas as aguas da inundação, logo a vegetação irrompia densa e vigorosa; os habitantes e os seus gados tinham farta mesa durante a maior parte do anno.

É provável que, na presença de taes condições, brotasse a idéa da seleção dos vegetaes mais apropriados á alimentação, bem como a da consequente preparação da terra e da sementeira das especies preferidas.

Seria por ventura este o primeiro e importante passo na senda do progresso agricola, origem de todos os outros que successivamente se derivam pela associação das idéas e dos factos, por essa mysteriosa lei dos antecedentes- inevitaveis productores dos consequentes. (p. 157)

Sensível às consequências das inundações anuais do Nilo e às necessárias obras associadas (aterros, diques, valas, canais), regista também:

No decorrer dos seculos estes contestantes trabalhos aperfeiçoaram-se, e já no tempo dos Pharaós tinham uma direção scientifica, que procurava quanto possivel attenuar o effeito natural e violento da inundação, levantando-lhe embaraços que a domavam e transformavam a sua ação, primitivamente caprichosa e destruidora, em regular e benéfica. (p. 158).

A permanente tensão sobre os impactos da inundação anual, isto é, cheia abundante, com a consequente destruição das infraestruturas preparadas para o seu integral e benéfico aproveitamento (o que significava um impacto nefasto e ruinoso) ou cheia escassa, com a consequente pobreza e miséria de pessoas e bens, é também muito bem captada por José de Sousa Larcher:

(...) quando a cheia subia além de um certo limite, acima do nivel propício, não havia trabalhos, nem cuidados, nem altos taludes que resistissem á invasão, e esta, qual razoura gigantesca, reduzia os campos a um nivel desconsolador, destruindo muitas vezes as aldeias; demorando sempre o labor das terras e as sementeiras, depois de um trabalho insano e demorado que para recompor tudo o que as águas haviam desmoronado. (p. 158);

Quando pelo contrário as aguas sobem além do ponto indicado então é a ruína que lhes bate á porta. (p. 160)

Quando o Nilo attingia a altura conveniente e não a ultrapassava, cessando portanto a do receio de excesso ou de falta d’agua para os campos, era enorme o regosijo publico; havia loucas demonstrações de alegria, e a noticia de tão auspicioso successo corria todo o Egypto com a rapidez de um rastilho de polvora, levando a toda a parte a satisfação mais jubilosa. (p. 159).

O “humor” do “sagrado Nilo” impele a “paciente resignação” dos servos da gleba que “longe de empregarem horripilantes pragas, como os europeus, contra a adversidade que os fere, só invocam o nome de Allah pedindo-lhe forças para a sua árdua tarefa!” (pp. 160, 161). É, de certa forma, a esta atitude de “plácida resignação” dos *fellás* egípcios que J. S. Larcher pretende responder – ou ajudar a responder – com a sua proposta, integrada na 14ª Carta-Capítulo, no I Tomo do seu livro.

Tendo conhecimento do processo hidráulico usado no Egípto desde o tempo faraónico para medir “as variantes do nível do rio” e do aparelho indicador das mesmas, isto é, o nilómetro, o viajante português dá nota de conhecer também os que no final do século XIX ainda se encontravam em funcionamento “no Cairo, em Assouan e no Wadi-Halfa” (p. 161). Na página 161 inclui mesmo um esquema de um desses nilómetros (Fig. 2), legendado como “obra hydraulica do poço de José” e descreve o dispositivo existente no Cairo:

Esta construção é feita de cantaria e em parte consta de um largo poço cujas paredes assentam n’um fundo inferior ao leito do rio. Um canal subterraneo põe em comunicação o deposito com o rio. A parte imergente do solo é uam espécie de torreão com a sua competente cúpula.

No centro do poço e assentando no seu fundo ha uma elevada columna polygonal, de pedra, onde está gravada a escala indicadora do movimento ascensional ou descendente das aguas.

A primeira divisão d’estre aparelho começa no ponto mais baixo a que pode chegar o nivel do rio na época de estiagem. D’ahi para cima, até ao extremo da escala, contam-se 17 divisões principais – covados – subdivididos cada uma em 24 partes – kirats, – sendo a altura total equivalente a 9,18 metros. O ponto onde se concentram todos os desejos e aspirações de um povo inteiro, o indicador da abundancia e da prosperidade para o novo anno agricola que vae começar, é o grau de 15 covados e 16 kirats. Quantos milhões de preces são dirigidas a Allah n’esses ansiosos momentos! (pp. 161, 162).



Fig. 2 – “Obra hydraulica do poço de José” (Tomo I, 13ª Carta, p. 161).

Larcher não deixa também, ainda, na 13ª Carta, de mencionar “o desenvolvimento dos trabalhos hydraulicos” obtido pelos canais de derivação do Nilo que, ao represarem alguma da água, a podiam depois usar nas regas durante os períodos mais secos. A irrigação através da elevação da água por meios artificiais, atestada já nos monumentos do Egípto antigo (“gravados ou pintados nas paredes dos grandes edifícios”, como ele escreve na página 163), levou ao progressivo uso e desenvolvimento da nora e da cegonha *chaduf*⁶.

O visitante português desenvolve a sua narrativa sobre o Nilo, sobre as suas regulares inundações e sobre os multisseculares processos de irrigação para demonstrar que tem perfeita consciência da sua importância decisiva para a prosperidade do Egípto e que esse assunto como engenheiro lhe interessava particularmente. É sobre esse signo que inicia a sua 14ª carta:

A substituição da inundação pela rega, sendo aquella impossivel no baixo nivel das águas, foi desde ha muito o sonho dourado dos imperantes do Egypto, e um faraó chegou a tentar a construcção, proximo da primeira cataracta, de um vasto lago para armazenar a agua na época da cheia e servir mais tarde para alimentar os canaes e conserval-os n’um nível proprio a facilitar a irrigação na maior área possível (p. 165)⁷.

Embora a ideia não tenha tido a concretização material pensada (“porque (...) as convulsões politicas motivaram o abandono dos trabalhos”, como escreve na p. 165), ela não desapareceu (porque a necessidade também não...) e seria recuperada por Mehemet-Ali (1769-1849)⁸, com a colaboração de vários engenheiros franceses. Larcher alude ao impulso conferido à ideia por Lenan de Bellefonds que,

⁶ Anotamos a descrição que faz do *chaduf*, na p. 163: “Chadouf (...) é um vaso de madeira feito de uma pyramide truncada invertida, a cuja parte superior estão presas cordas por meio das quaes dois homens sustentam o vaso e o põem em movimento compassado, de vae-vem, enchendo-o d’agua n’um ponto inferior, e despejando-o n’outro superior, firmes nos pés, e só dobrando e endireitando o corpo com tal regularidade que parece um pendulo”.

⁷ Possível alusão a Senuseret III, faraó do início da XII Dinastia (1878-1839 a.C.) que terá sido o responsável pela construção de um canal na zona de Sehel, para facilitar a passagem dos rápidos da I Catarata.

⁸ Mehemet Ali é considerado o fundador do Egípto moderno. Foi governador e governante do Egípto *de facto* de 1805 a 1848.

no Delta, no ponto onde se dá a bifurcação do rio, construiu a *Barrage du Nil*. Na página 167 é incluída uma fotografia desta obra colossal, em dimensões, no traçado e em gastos, com a legenda “Vista geral da ponte Á Barrage no Delta do Nilo” (Fig. 3).

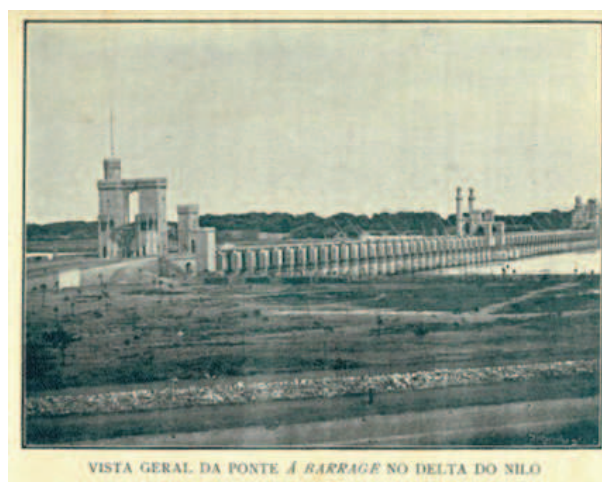


Fig. 3 – “Vista geral da ponte Á Barrage no Delta do Nilo” (Tomo I, 14ª Carta, p. 167).

Bem informado sobre o empreendimento, o nosso Autor descreve-o na sua Carta, nos seus contornos essenciais:

As duas pontes compõem-se de uma serie de arcos e de elevados torreões, do alto dos quaes se avista largo panorama. Solidas comportas fecham as aberturas dos arcos e movidas mecanicamente permitem, elevando-se, elevar as aguas a 6 metros acima do nivel normal do verão (p. 166).

Merece-lhe também uma referência o esforço do governo do Khediva Ismail Pachá (1831-1895), também conhecido como Ismail, o Magnífico⁹, para a execução da obra, com a consequente crise financeira que levaria à bancarrota egípcia, à sua deposição política e, como diz J. S. Larcher, à “inevitavel suspensão dos trabalhos” (p. 169):

“Foi durante o governo de Ismail que as obras tiveram maior desenvolvimento, porque elle não era homem capaz de recuar em questões de dinheiro, e se não fosse a crise financeira por elle provocada e causa determinante da sua deposição, as obras teriam sido concluídas durante o seu governo” (p. 169).

No seu relato, o engenheiro português menciona ainda o “sentimento de rivalidade” dos ingleses em relação à *barrage* “francesa”, além de os criticar pelas soluções técnicas adoptadas para terminar o empreendimento:

Os ingleses movidos pelo intimo desejo de conseguirem os fins por meios diversos, e de exceder os francezes pela grandeza ou novidade dos seus projectos, fizeram adoptar o uso de grandes bombas movidas por locomoveis colocadas nas margens dos canaes. Se o resultado é eficaz, não deixa de ser um serviço dispendiosíssimo para um paiz que não tem combustível. (p. 170).

O projeto inglês de abertura de um grande lago destinado a represar uma grande quantidade de água na ilha da Filae também não escapou à pena crítica de José de Sousa Larcher, denotando igualmente um aprofundado e detalhado conhecimento sobre o mesmo:

A mesma ordem de idéas os levou a apresentarem projecto de abertura de um grande lago

⁹ Ocupou o cargo de Khediva do Egipto e do Sudão durante c.16 anos, entre 1863 e 1879, quando foi destituído por ordem dos britânicos. Enquanto esteve no poder foi responsável por uma grande modernização do Egipto e do Sudão.

destinado a represar uma grande quantidade de d'água, com o intuito de neutralizar os efeitos de uma cheia além dos limites convenientes, e de satisfazer as necessidades da irrigação durante o estio. (p. 170, 171).

Contudo os engenheiros ingleses pretendem deslumbrar as gentes com o grandioso empreendimento de vastíssimas dimensões e de colossal orçamento.

N'este projecto não foram felizes, porque tendo escolhido a ilha de Philoé para ali abrirem o lago, a lembrança foi muito mal acolhida pelo publico, e não só no Egypto, mas na Europa inteira se levantaram clamores e protestos contra a idéa de sacrificarem as mais bellas e vastas ruínas dos antigos templos; e onde ainda se encontram, entre as construcções que povoam a ilha, algumas que em parte, senão no todo, estão muito bem conservadas.

Parece que tal projecto, emquanto ao local escolhido, ficou prejudicado, e que o lago, a construir-se, será n'outro sitio; no qual não haja os inconvenientes resultantes para o Egypto da supressão das ruínas mais attrahentes para os viajantes, o principal esímulo que os leva ao alto Egypto; e sobretudo pelo alto valor histórico e archeologico ligado a esses notáveis padrões do passado. (p. 171)

Toda esta problemática da constituição de um lago, com um enorme reservatório de água represada que permitisse o seu aproveitamento para irrigar áreas mais extensas e durante mais tempo, aliviando a pressão sobre a barragem do Delta, interpela de tal forma diretamente o viajante e engenheiro português (“Esta reflexão acudiu-nos naturalmente ao espírito” – p. 172), então, em 1898, no Egipto, por ocasião da sua segunda viagem, que, lógica mas surpreendentemente, deixando vir ao de cima o seu olhar técnico, incorpora na sua 14ª Carta as seguintes referências:

Estando nós no Egypto em 1898, quando se ventilava a questão da abertura do lago e de novas barragens, fomos levados a pensar demoradamente n'essas obras, até que a idéa brotou de aplicar ás barragens um novo systema de traçado e construcção.

Enthusiasmados um pouco com o plano concebido, reduzimos a idéa á representação gráfica, e escrevendo uma memoria descriptiva, tivemos o gosto de oferecer o nosso trabalho a S.-A. o Khediva, que para esse fim nos concedeu uma audiéncia particular. (p. 173).

Ato contínuo, acrescenta: “Em seguida transcrevemos a memoria e o desenho.” (p. 173). De facto, as quatro páginas seguintes do seu livro (pp. 173-176), objectivamente as quatro últimas páginas da sua 14ª Carta, são constituídas pela “MEMOIRE DESCRIPTIF D'UN NOUVEAU SYSTEME DE PONT-BARRAGE (Dédié à Son Altesse le Khédive)”. Datada e assinada no final (“Alexandrie, 5 Mai 1898. José de Souza Larcher” – no exacto dia em que fazia 77 anos de idade), a memória, escrita em francês, é acompanhada por três desenhos com texto (em francês) e legendas (em português): “Oval. Pont-barrage en coube. Longure du Nil” (p. 174); “Detalhe dos pilares” (p. 175) e “Detalhes das vannes” (p. 176) – Fig. 4.

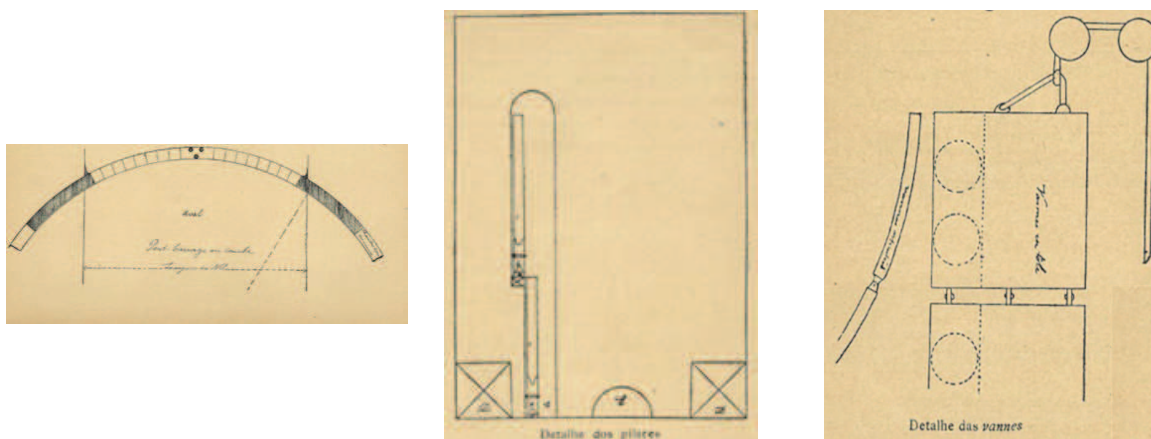


Fig. 4 – Os três esquemas da barragem de José de Souza Larcher, com legendas em francês (pp. 174, 175 e 176).

À data, o Khediva do Egípto, que recebeu em audiência particular o nosso engenheiro-viajante alentejano, era o jovem Abbas Hilmy II (1874-1944), que começara o seu governo cerca de seis anos antes, em 1892 (8 de Janeiro), ainda antes de completar 18 anos, sucedendo ao pai Mohamed Tewfik Pachá (1852-1892), também conhecido como Tewfik do Egípto, que assumira o governo do Egípto e do Sudão entre 1879 (depois da deposição de Ismail Pachá) e 1892 e que falecera inesperadamente. No seu livro, J. S. Larcher inclui uma fotografia de Abbas Hilmy, na p. 1 do II Tomo, a anteceder a Carta com que inicia o volume (a 18ª Carta) – Fig. 5. No I Tomo, a ilustrar a 12ª Carta (p. 148), há igualmente uma ilustração legendada “O Khediva Abbas Hilmy – a passeio”, onde se vê o jovem soberano, passeando, na parte traseira de uma carruagem puxada por dois cavalos¹⁰. Esta é a imagem que surge igualmente a ilustrar a capa do I Tomo – Fig. 6.



Fig. 5 – O Khediva Abbas Hilmy – II Tomo, p. 1.



Fig. 6 – “O Khediva Abbas Hilmy – a passeio” – ilustração da Capa e da p. 148 do I Tomo.

A memória ilustrada de Larcher sobre a construção de um sistema de ponte-barragem no Nilo é surpreendente no âmbito desta narrativa de viagem, não propriamente pelo seu conteúdo técnico-científico (uma vez que o Autor, como engenheiro que era, denota competências e capacidades específicas no domínio em causa), mas por não ser de todo expectável esta incursão de carácter “profissionalizante” quando visitava o Egípto como mero turista e, ainda menos, que, na sequência da mesma, tivesse conseguido uma audiência particular com Sua Alteza, o Khediva. Toda esta dimensão técnico-política está para lá do que seria de esperar no âmbito de umas “impressões de viagem”.

O Khediva dera, todavia, prova de genuíno interesse no contributo de Larcher. O nosso Autor, no II Tomo (28ª Carta-Capítulo, pp. 157-178), quando comenta a variada, mesclada e elegante sociedade do Egípto e da Turquia de todas as proveniências (inglesa, francesa, grega, croata, etc.), com que contactara, em 1894 (1ª viagem) e em 1898 (2ª viagem), em Alexandria e no Cairo, sobretudo devido à sua participação nos Tribunais Mistos (“Tribunal mixto”, como os designa), volta a aludir, com muita modéstia, aos seus encontros com Abbas Hilmy:

O respeito e consideração pelas pessoas de maior idade é tão absoluto entre os arábicos, que até o próprio Khediva não deixa de os manifestar, dentro de certos limites que a sua alta gerarchia lhe impõe. Por duas vezes eu pude verificar a exactidão d’este agradável modo de proceder: – a primeira, quando Sua Alteza me fez a honra de receber a minha visita; fazendo-

¹⁰ Anote-se que a ilustração não tem absolutamente nada a ver com o conteúdo textual da 12ª Carta.

-me assentar junto do seu divan, e depois de animada conversa, quando findou a audiência, ter ainda a delicadíssima atenção de me acompanhar até á porta do grande salão em que me recebeu, dirigindo-me á despedida algumas palavras da maior cortesia: – a segunda, quando n’uma reunião publica, vendo-me na ala das pessoas que lhe prestavam homenagem,– deu dois passos para me oferecer a mão.

Todas estas provas de apreço não eram só devidas á respeitabilidade das cans que me guarnecem a cabeça e a uma certa gloria que orna os velhos por terem resistido ás rudes campanhas da vida, mas em boa parte ao reflexo das honrarias judiciais de meu filho, as quaes no Egypto gosam de alto conceito. (p. 173).

Neste contexto das *Impressões* das suas viagens ao Egipto, é, pois, particularmente imprevista esta incorporação de uma memória descritiva, em francês, sobre um plano de construção de uma ponte-barragem no Nilo que o tempo viria demonstrar ser uma realidade: primeiro, no princípio do século XX, com a construção da Pequena Barragem de Assuão ou Antiga Barragem, construída pelos ingleses nas proximidades de Filae e inaugurada a 10 de Dezembro de 1902¹¹; depois, no final dos anos 60/ princípio dos anos 70, com a construção da Grande Barragem de Assuão (*Saad el-Ali*), inaugurada em 1970, a cerca de 6 Km mais a sul da primeira, ou seja, menos de um século depois do escrito de José de Souza Larcher. Como ele diz no final da sua memória (“Tout ceci n’est que l’exposition d’une idée, et c’est aux grands ingénieurs qu’incombe la tâche, bien plus importante, de la mettre à execution si, par bonheur, l’idée se trouve digne de leur approbation” – p. 176), a ideia acabou, realmente, por não desaparecer e de ser concretizada em prol da pretensa prosperidade agrícola, económica e financeira do Egipto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDEMIRA, LUÍS VARELA (1940) – *Notas sobre a vida e obra do pintor José Veloso Salgado*. Lisboa: Bertrand (Irmãos), Lda.

ARAÚJO, LUÍS MANUEL DE (2008) – *Impressões do Oriente. De Eça de Queirós a Leite de Vasconcelos*. In *Impressões do Oriente. De Eça de Queirós a Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

BARATA, ANA MARIA DOS SANTOS CARDOSO DE MATOS TEMUDO (1997) – *Ciência, Tecnologia e desenvolvimento industrial no Portugal Oitocentista. O caso dos lanifícios do Alentejo*. Tese de Doutoramento em História Contemporânea. Évora: Universidade de Évora.

GOUVEIA, BEATRIZ DO VALE NEVES (2020) – *Veloso Salgado: Estudo e Intervenção de Conservação e Restauro do Espólio doado ao Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado – Relatório de Estágio*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

LARCHER, FERNANDO OUDINOT (2019) – “Oficiais e Pares do Reino Jayme e Fernando Larcher” in *Comissão Portuguesa de História Militar. O Liberalismo e os Militares em Portugal – Actas do XXVII Colóquio de História Militar*. 59-107. Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar.

“Larcher (José de Sousa)” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XIV: 702.

SANTOS, RUI AFONSO; TAVARES, CRISTINA AZEVEDO (1999) – *Veloso Salgado. 1864-1945*. Lisboa: Museu do Chiado.

QUINTELLA, SOUZA (1883) – José de Souza Larcher. *Galeria Republicana*, 2.º anno, n.º 30, 1-3.

¹¹ Esta Barragem é uma barragem de contrafortes em alvenaria, com várias comportas, que eram abertas todos os anos para deixar passar os ricos sedimentos da cheia. Foi construída, entre 1899 e 1902, pelos britânicos, na região da antiga primeira catarata do Nilo, sendo nessa altura a maior barragem de alvenaria do mundo. O projeto, extremamente inovador para a época, foi desenhado por Sir William Willcocks e envolveu vários engenheiros eminentes da época, incluindo Sir Benjamin Baker e Sir John Aird, cuja empresa, John Aird & Co., assumir a empreitada principal. O capital e o financiamento foram fornecidos por Ernest Cassel. A barragem foi concebida para armazenar as águas das cheias anuais (980.000.000 m³) e, assim, aumentar os fluxos na estação seca para apoiar um maior desenvolvimento da irrigação e o crescimento populacional no Baixo Nilo. Inicialmente mais limitada em altura, por questões de conservação, não permitiu alcançar a capacidade de armazenamento desejada e viria a ser elevada, posteriormente, entre 1907 e 1912 (5 metros) e novamente entre 1929 e 1933 (9 metros). Actualmente, com os seus 1950 m de comprimento e uma altura de 36 m acima do leito original do rio, a barragem constitui a principal via de tráfego rodoviário entre a cidade e o aeroporto de Assuão, tendo perdido a sua operacionalidade, não obstante continuar a contribuir para a produção de energia eléctrica.